



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
IF BAIANO - *CAMPUS* SENHOR DO BONFIM
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

ALINE SILVA MÁXIMO

**TRANSFORMANDO VIDAS E RENDAS: O IMPACTO DO GRUPO
MULHERES DO CAMPO NA ECONOMIA FAMILIAR NA
COMUNIDADE MAMOEIRO EM SENHOR DO BONFIM-BA**

SENHOR DO BONFIM, BA

2023

ALINE SILVA MÁXIMO

**TRANSFORMANDO VIDAS E RENDAS: O IMPACTO DO GRUPO
MULHERES DO CAMPO NA ECONOMIA FAMILIAR NA
COMUNIDADE MAMOEIRO EM SENHOR DO BONFIM-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Colegiado do Curso de Licenciatura em
Ciências Agrárias do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia Baiano –
Campus Senhor do Bonfim, para aprovação
em defesa perante banca examinadora.

Orientador: Prof. Dr. José Dionísio Borges de
Macêdo

Coorientadora: Profa. Dra. Rita Vieira Garcia

SENHOR DO BONFIM, BA

2023

ALINE SILVA MÁXIMO

**TRANSFORMANDO VIDAS E RENDAS: O IMPACTO DO GRUPO
MULHERES DO CAMPO NA ECONOMIA FAMILIAR NA
COMUNIDADE MAMOEIRO EM SENHOR DO BONFIM-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Colegiado do Curso de Licenciatura em
Ciências Agrárias do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia Baiano –
Campus Senhor do Bonfim, para aprovação
em defesa perante banca examinadora.

Orientador: Prof. Dr. José Dionísio Borges de
Macêdo

Coorientadora: Profa. Dra. Rita Vieira Garcia

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jose Dionísio Borges de Macedo.
IF Baiano Campus Senhor do Bonfim
ORIENTADOR

Profa. Dra. Rita Vieira Garcia
IF Baiano Campus Senhor do Bonfim
COORIENTADORA

Prof. Mestre Enos Figueredo de Freitas
IF Baiano Campus Senhor do Bonfim
MEMBRO DA BANCA

Prof. Mestre Guilherme José Mota Silva
IF Baiano Campus Senhor do Bonfim
MEMBRO DA BANCA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e por essa conquista.

A minha família pelo apoio durante os anos de curso, em especial a meu pai Raimundo Máximo e a minha mãe Lusía Ermínia Silva Máximo.

Ao meu orientador professor Dr. José Dionísio Borges de Macedo e a minha coorientadora professora Dr. Rita Vieira Garcia pelas orientações, correções e paciência.

Ao coordenador do curso professor Dr. Antonio Sousa Silva por toda a assistência durante o curso.

Aos professores do curso pelos ensinamentos e lições para a vida.

Aos meus amigos e colegas de curso pelas ajudas prestadas nas atividades, pelas risadas nas horas vagas e por todo companheirismo construtivo.

A minha amiga Wylma por toda a força e ajuda e atenção nos momentos difíceis.

Ao grupo de mulheres da comunidade Mamoeiro, em Senhor do Bonfim, chamado “Mulheres do Campo” que me receberam e colaboraram para execução do meu Trabalho de Conclusão de Curso, em especial a Mairanê líder do grupo e Maria Clécia representando todas as mulheres fortes que já encontrei e admiro muito.

TRANSFORMANDO VIDAS E RENDAS: O IMPACTO DO GRUPO MULHERES DO CAMPO NA ECONOMIA FAMILIAR NA COMUNIDADE MAMOEIRO EM SENHOR DO BONFIM-BA

Aline Silva Máximo*

Dr. José Dionísio Borges de Macêdo**

Dra. Rita Vieira Garcia***

RESUMO

A contribuição das mulheres no aumento da renda familiar sempre teve importância muito grande, porém muito pouco valorizada pela sociedade em geral. Assim, este estudo teve como objetivo avaliar o papel do grupo Mulheres do Campo - Senhor do Bonfim-BA na renda familiar. A presente pesquisa consistiu em uma pesquisa quanti-qualitativa com aplicação de um questionário semiestruturado contendo 33 questões aplicado a um grupo de sete mulheres, sendo três da comunidade Lages, três da comunidade Assentamento Jiboia e uma da comunidade Cruzeiro. O grupo reúne-se para trabalhar de forma coletiva na fabricação e venda de bolos e salgados, obtendo renda que ajuda no orçamento familiar. Os dados quantitativos coletados através do questionário passaram por análise estatística simples, tabulados em planilhas do Microsoft Excel/Windows 2008, onde foram gerados os dados estatísticos. Os dados qualitativos passaram por uma análise de conteúdo, levando em consideração o referencial teórico e o objetivo proposto da pesquisa. As componentes do Grupo Mulheres do Campo apresentam baixa escolaridade, 71,4% têm ensino fundamental incompleto e 28,6% não possuem escolaridade. A renda familiar para 85,7% do grupo é de até 1 salário mínimo. A renda obtida pelo Grupo Mulheres do Campo é destinada 42,9% para alimentação, 28,6% para pagamento de contas e 14,3% é para ajuda a terceiros. Conclui-se que o Grupo exerce papel importante na vida familiar de cada mulher, complementando a renda familiar. Também, outros benefícios foram conquistados, uma vida social melhor, diversão, construção de laços de amizade, sentimento ser útil, entre outros.

Palavras chave: comercialização, mulheres do campo, renda familiar

* Graduanda em Licenciatura em Ciências Agrárias pelo IF Baiano *Campus* Senhor do Bonfim.

** Docente IF Baiano - *Campus* Senhor do Bonfim. E-mail: dionisio.macedo@ifbaiano.edu.br

*** Docente IF Baiano - *Campus* Governador Mangabeira. E-mail: rita.garcia@ifbaiano.edu.br

**TRANSFORMING LIVES AND INCOME: THE IMPACT OF THE COUNTRY
WOMEN GROUP ON THE FAMILY ECONOMY IN THE MAMOEIRO
COMMUNITY IN SENHOR DO BONFIM-BA**

Aline Silva Máximo*

Dr. José Dionisio Borges de Macêdo **

Dra. Rita Vieira Garcia ***

ABSTRACT

The contribution of women in increasing family income has always been very important, but very little appreciated by society in general. Thus, this study aimed to evaluate the role of the Mulheres do Campo - Senhor do Bonfim-BA group in family income. This research consisted of a quantitative and qualitative research with the application of a semi-structured questionnaire containing 33 questions applied to a group of seven women, three from the Lages community, three from the Assentamento Jibóia community and one from the Cruzeiro community. The group gets together to work collectively in the manufacture and sale of cakes and snacks, obtaining income that helps with the family budget. The quantitative data collected through the questionnaire underwent simple statistical analysis, tabulated in Microsoft Excel/Windows 2008 spreadsheets, where the statistical data were generated. The qualitative data underwent a content analysis, taking into account the theoretical framework and the proposed objective of the research. The components of the Mulheres do Campo Group have low education, 71.4% have incomplete primary education and 28.6% have no education. The family income for 85.7% of the group is up to 1 minimum wage. The income obtained by the Mulheres do Campo Group is allocated 42.9% for food, 28.6% for paying bills and 14.3% for helping others. It is concluded that the Group plays an important role in the family life of each woman, complementing the family income. Also, other benefits were conquered, a better social life, fun, building friendship bonds, feeling useful, among others.

Key words: commercialization, country women, family income

* Graduanda em Licenciatura em Ciências Agrárias pelo IF Baiano *Campus* Senhor do Bonfim.

** Docente IF Baiano - *Campus* Senhor do Bonfim. E-mail: dionisio.macedo@ifbaiano.edu.br

*** Docente IF Baiano - *Campus* Governador Mangabeira. E-mail: rita.garcia@ifbaiano.edu.br

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	9
2.1 Comunidades rurais e suas características	9
2.2 Mulheres camponesas e as Políticas públicas	10
2.3 Conquistas da mulher no meio rural	11
3 METODOLOGIA	12
3.1 Tipo de pesquisa	12
3.1.2 Local da coleta de dados	12
3.1.3 Sujeitos da pesquisa	12
3.1.4 Período e etapas da pesquisa.....	13
3.1.5 Análise dos dados	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
4.1 Ai.Bi. Brasil x Mulheres do Campo (texto baseado em consulta a D. Maria José, membro da Associação Parceira das Crianças – APAC e Mairinê da Silva Sena, líder do grupo Mulheres do Campo)	14
4.1.1 O grupo Mulheres do Campo.....	16
4.2 Resultados e discussão oriundos do questionário aplicado ao grupo Mulheres do Campo.....	18
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

A contribuição das mulheres no aumento da renda familiar sempre teve importância muito grande, porém muito pouco valorizada pela sociedade em geral. As mulheres camponesas têm um papel importante na renda familiar e as que residem na região semiárida do Nordeste Brasileiro sempre atuaram no complemento da renda da família, seja no trabalho com agricultura, na venda dos produtos agrícolas em feiras livres e na fabricação de artesanato (OLIVEIRA *et al*, 2021).

As organizações que investem no setor de empreendedorismo feminino buscam inserir a mulher camponesa no mercado de trabalho, valorizando o conhecimento passado de geração em geração (OLIVEIRA *et al*, 2021). O apoio dessas organizações tem sido cada vez mais importante na valorização de pequenos grupos, cooperativas e associações ou entidades que apoiam o trabalho feminino. A partir do reconhecimento do seu trabalho, a mulher desperta para o real valor do seu esforço, começa a buscar espaços, ampliando seu olhar e a partir disso, fortalece o seu potencial.

A pesquisa desenvolvida teve como tema o papel das mulheres do campo na renda familiar, especificamente o papel das mulheres camponesas do grupo Mulheres do Campo do povoado Mamoeiro, Senhor do Bonfim-BA.

O problema da pesquisa foi: sabendo da insuficiente da renda familiar para sustento das famílias, como o trabalho das mulheres contribui com o aumento dessa renda? A hipótese básica da pesquisa teve como base que as mulheres camponesas do grupo Mulheres do Campo do povoado Mamoeiro, Senhor do Bonfim-BA, contribuem com a renda familiar.

Assim, com o objetivo de avaliar o papel do grupo Mulheres do Campo - Senhor do Bonfim-BA na renda familiar, foi realizada uma pesquisa para entender o desempenho das mulheres camponesas na renda familiar. O grupo objeto desta pesquisa é denominado Mulheres do Campo, possui 7 mulheres que pertencem as comunidades Lages, Assentamento Jiboia, e Cruzeiro (líder do grupo), que se reúnem uma vez por semana para produção e comercialização de doces e salgados para melhorar as perspectivas de renda para suas famílias. Compreender a conjuntura da realidade dessas mulheres camponesas é de fundamental importância para se conhecer a realidade local e contribuir com a valorização do trabalho feminino na agricultura familiar e no território.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Comunidades rurais e suas características

Comunidade rural é o termo usado para definir as pessoas que vivem no campo, afastadas dos centros urbanos, que desenvolvem atividades ligadas a agricultura ou criação de animais, onde homens e mulheres trabalham para subsistência e sustento familiar.

Oliveira *et al.* (2021), estudando a contribuição da mulher na economia solidária, perceberam os avanços nas diversas formas de desenvolvimento, auto realização, interesse por participação e maior engajamento político, reconhecimento da viabilidade econômica da organização.

Os agricultores e agricultoras que vivem no meio rural não tiram sua fonte de renda apenas da agricultura e pecuária, o investimento no empreendedorismo e entre outras práticas vem para somar e melhorar o rendimento das propriedades.

Todavia, cada comunidade rural apresenta características próprias no seu desenvolvimento, em função da cultura, do clima e da vegetação. De acordo com Carmo *et al.* (2015), existem vários rurais, com suas características individuais. O meio rural é heterogêneo, principalmente em função da região e, portanto, do raio de influência do desenvolvimento urbano em que se insere.

A comunidade de Mamoeiro, em Senhor do Bonfim - BA, é caracterizada por famílias de pequenos produtores rurais e sua principal fonte de renda vem da agropecuária, e como complemento, o extrativismo do licuri, prática realizada pela maioria das camponesas que ali vivem. Outra atividade de suma importância na comunidade, com características de empreendimento solidário, é realizada por um grupo formado por mulheres, onde todas trabalham e ganham de forma igualitária.

Oliveira *et al.* (2021) afirmam que quando as mulheres camponesas se reúnem ganham mais visibilidade, geram renda, melhoram a formação cidadã e despertam um sentimento de pertencimento do local. Esse pertencer traz benefícios para todos os aspectos a sua volta, sendo gerado um ganho mútuo, fato esse destacado por Lusa (2017) quando diz que "muitas de suas lutas pautaram direitos para as crianças, adolescentes e idosos, o que indica que a repercussão vai além de suas vidas, produzindo nova sociabilidade no campo para todos(as) que lá vivem e/ou trabalham".

As comunidades rurais buscam seus direitos através de grupos formados pelos moradores, onde discutem as demandas do local. Leonello e Cosac (2008) afirmam que a força social amplia os saberes, daí a capacidade de ação do grupo se estabelece e as atividades

realizadas coletivamente determinam o processo de cidadania emancipada, fortalecem e estendem as discussões, induzindo e assentando o processo de desenvolvimento local.

2.2 Mulheres camponesas e as Políticas públicas

As políticas públicas ajudam a garantir o fortalecimento local e desenvolvimento dos indivíduos que ali moram, são benefícios conquistados pela união e organização dos grupos para adquirir seus direitos. O apoio prestado pelo governo ao empreendedorismo eleva o desenvolvimento local, como também faz com que os sujeitos que ali vivem sintam-se parte da sociedade (SENA; SENA; SILVA FILHO, 2017).

É de fundamental importância que tecnologias sociais sejam inseridas no meio rural, para que junto com as organizações e grupos venham ajudar a fortalecer a busca por uma melhoria de vida. Como nos define Velloso *et al.* (2021), as tecnologias sociais são instrumentos simples de fácil reaplicação, desenvolvidos a partir dos problemas e do conhecimento popular de acordo com as necessidades de determinado local. Cisterna, barragem, poço artesiano, máquina de licuri são exemplos de tecnologias sociais. Na comunidade trabalhada a maioria das residências foram contempladas com cisterna.

Pesquisar as interações históricas de determinados grupos de mulheres e suas influências na comunidade e em suas famílias têm uma importância gigantesca no entendimento da relevância de suas ações. É neste contexto que as instituições de ensino, enquanto política pública, se inserem como sujeitos a contribuir através de suas atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, com referenciais metodológicos de formação acadêmica, voltados para um modelo de inserção e de superação das desigualdades sociais e econômicas (VELLOSO, 2021).

Para que essa troca entre a comunidade e o meio acadêmico aconteça é necessário que o pesquisador, pessoa externa, consiga adentrar no contexto dos sujeitos pertencentes ao local, buscando uma dinâmica de interação, como relatam Abrantes *et al.* (2020) cuja permanência por três meses no local da pesquisa permitiu uma maior confiança, sendo fundamental para os vínculos sociais.

Carmo *et al.* (2015) dizem que estratégias de desenvolvimento com recursos endógenos locais valorizam o rural, geram empregos, elevam a renda, portanto, devem ser, obrigatoriamente, incorporadas às políticas públicas.

Amorim e Silva (2015) também afirmam que são as organizações locais que podem reivindicar ao Estado no sentido de contribuir com as políticas públicas voltadas para a

formação profissional, geração de renda por meio do estímulo econômico, através dos aspectos lucrativos da região. Além do retorno financeiro e desenvolvimento local.

2.3 Conquistas da mulher no meio rural

Outro aspecto que precisa estar presente na pauta das organizações são as conquistas das mulheres, como destacam as autoras Oliveira *et al.*, (2021), enfatizando que as conquistas das mulheres camponesas podem sinalizar uma leve fissura na ligação com o espaço doméstico e não reconhecido, para uma situação capaz de melhorar seu bem-estar e aumentar sua interação com a comunidade.

A mulher camponesa nos retrata as conquistas que romperam com questões que foram asseguradas a elas, seus direitos e espaço na sociedade que por muito tempo ficou sob a sombra de seus parceiros, como nos diz Jahn, (2013):

As mulheres camponesas obtiveram muitas conquistas durante a sua caminhada. Um exemplo disso é o reconhecimento de sua profissão como trabalhadora rural, o acesso a direitos (como, por exemplo, aposentadoria e salário maternidade) a possibilidade de seguir com os estudos, os avanços com relação ao combate à violência doméstica e familiar e o entendimento que sua vida pode ser melhor indo além do espaço doméstico.

E nessa perspectiva de lutas que precisam ser vencidas, a mulher camponesa vem mudando, mesmo que em ritmo lento, em muitos locais, o estilo de vida. Neves e Menezes (2013) afirmam que as mulheres mais jovens vêm deixando de praticar as atividades de lazer, caracterizadas como femininas, passando a realizar outras usualmente classificadas como masculinas, como frequentar bares e organizar times de futebol feminino.

Os entraves encontrados por mulheres camponesas estão relacionados à sua invisibilidade, seja no trabalho ou no capital obtido por elas. Maronhas *et al.* (2014) falam sobre a renda monetária e não monetária proveniente do trabalho das mulheres, muitas vezes não é reconhecida pela família, comunidade e até mesmo pelas políticas públicas, por esse motivo torna-se necessário cada vez mais evidenciar a importância do trabalho feminino. Os autores afirmam também que segundo as agricultoras, seus companheiros não compreendiam a lógica das reuniões e se recusam a cuidar dos filhos quando elas se ausentam de casa para ir ao encontro das mulheres. Fatos esses podem desmotivar as atividades ou dificultar a atuação das mulheres nos processos de organização e luta por direitos e seus acessos. Já, Moura (2016) afirma que “o mundo do trabalho é a dimensão mais importante da vida social, tanto do ponto de vista da produção de bens e serviços para as coletividades, como, também, do ponto de vista da autonomia econômica e de realização individual”.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa consistiu em uma pesquisa quanti-qualitativa com aplicação de um questionário semiestruturado contendo 33 questões, segundo Marconi e Lakatos (2002) “o entrevistado tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada”. Antes da aplicação do questionário foram feitas algumas visitas no local da fabricação e venda dos produtos, com uso de um diário de bordo como realizado por Neves e Medeiros (2013), procedendo a investigação valorizando a observação participante, e o registro do que foi verificado em diário de campo. As informações registradas ajudaram na compreensão, resultados e discussão da pesquisa.

3.1.2 Local da coleta de dados

A pesquisa foi realizada com o grupo de Mulheres do Campo, que trabalha no centro Comunitário, localizado na comunidade Mamoeiro, coordenadas 10°32'55.6"S e 40°10'39.6", distante 16 km da sede do município de Senhor do Bonfim, cidade localizada na Mesorregião Centro-norte Baiano, Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, distante 375 Km da capital Salvador, Estado da Bahia (Figura 01). Foi nesse local onde ocorreu o contato inicial com o grupo, inclusive participando de algumas atividades, e as entrevistas, com o uso do questionário.

3.1.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa foram sete mulheres, sendo três da comunidade Lages (Entrevistada 1, Entrevistada 2 e Entrevistada 3), três da comunidade Assentamento Jiboia (Entrevistada 4, Entrevistada 5 e Entrevistada 6) e uma da comunidade Cruzeiro (Entrevistada 7). O grupo reúne-se uma vez por semana, no centro comunitário, para trabalhar de forma coletiva na fabricação e venda de bolos e salgados, obtendo renda que ajuda no orçamento familiar.

Figura 01 – Localização do Município de Senhor do Bonfim no Estado da Bahia - Brasil



Fonte: RIOS, 2023.

3.1.4 Período e etapas da pesquisa

A pesquisa ocorreu no período de agosto de 2021 a abril de 2023 e contou com as seguintes etapas: 1) pesquisa bibliográfica; 2) entrevistas com as mulheres do Grupo Mulheres do Campo e 3) análise e interpretação dos dados obtidos.

3.1.5 Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada a partir dos objetivos propostos, do referencial teórico e do levantamento de dados realizado em campo com as observações e entrevista.

Os dados quantitativos coletados através do questionário passaram por análise estatística simples, tabulados em planilhas do Microsoft Excel/Windows 2008, onde foram gerados os dados estatísticos.

Os dados qualitativos passaram por uma análise de conteúdo, levando em consideração o referencial teórico e o objetivo proposto da pesquisa. Também foi considerado o caráter exploratório durante as visitas prévias.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo possibilitou uma reflexão sobre o trabalho das integrantes do grupo Mulheres do Campo na promoção de melhorias na condição de vida de suas famílias, das comunidades e para o desenvolvimento local.

A partir das anotações realizadas durante as observações participativas obteve-se informações sobre a historicidade do percurso e a constituição da comunidade das Mulheres do Campo, que apresentamos a seguir:

4.1 Ai.Bi. Brasil x Mulheres do Campo (texto baseado em consulta a D. Maria José, membro da Associação Parceira das Crianças – APAC e Mairinê da Silva Sena, líder do grupo Mulheres do Campo)

Nos anos de 1997 a 1999, em Senhor do Bonfim e cidades circunvizinhas, foi um período com alto índice de mortalidade infantil, por causa da fome. A Igreja Católica, através da Pastoral da Criança, desenvolvia um trabalho de acompanhamento e alimentação de crianças que apresentavam sinais de desnutrição e distribuía a “multimistura”, farinha de baixo custo, elaborada a partir de subprodutos alimentares com características similares a outros farelos e cereais.

A freira Petra, que tinha forte atuação com a Pastoral da Criança e a Pastoral da Justiça, preocupada com a situação das crianças e famílias necessitadas, juntamente com mais três lideranças femininas, Maria José (representante de Senhor do Bonfim e natural de Monte Santo), Dulcemira (da Comunidade Maria Preta – Senhor do Bonfim) e D. Irene (Comunidade Gameleira – Jaguarari), discutiam como ajudar essas crianças. Foi então que a freira Petra acabou lembrando e citando a Instituição Italiana Ai Bi - Associazione Amici dei Bambini, Organização Não Governamental Italiana constituída por um movimento de famílias adotivas e acolhedoras, que desde 1986 tem trabalhado junto às crianças, acolhidas institucionalmente em todo o mundo com o objetivo de combater a emergência do abandono.

Na tentativa de conseguir apadrinhamento para as crianças de Senhor do Bonfim, foi elaborado e enviado um projeto para a Ai Bi, pedindo apoio. A Ai Bi envia uma técnica para

fazer um diagnóstico, onde cadastrou cerca de 120 famílias em situação de vulnerabilidade. Cada família tirava fotos de 1 a 2 crianças, fazia um relatório contando o seu histórico e enviava para a sede, que posteriormente era compartilhado com as famílias acolhedoras. Assim começaram os primeiros apadrinhamentos, ajuda financeira para as famílias escolhidas.

O recurso era enviado diretamente para a família via Correios e deveria ser usado para aquisição de comida e medicamentos, mas, às vezes, não chegava ao destino, pois ocorria muita desorganização na transferência do recurso, desde a entrada no Brasil, passando pelos Correios. Tempos depois percebeu-se que não estava existindo o uso adequado dos produtos pelos pais, necessitando ampliar o Projeto fornecendo apoio psicológico, principalmente aos pais, e inclusão de um médico.

Em 2000/2001 inicia a escrita de um projeto amplo, visando melhoramento habitacional e construção dos Centros de Apoio às Crianças da Comunidade (apoio escolar e complementação alimentar às crianças). Em 2002 o projeto foi aprovado via edital dos “Ministérios dos Exteriores” da Itália.

A partir daí observou-se a necessidade de ampliar os objetivos do Projeto, apoiando as riquezas locais da comunidade. Nos municípios de Senhor do Bonfim e Jaguarari a exploração do umbu e cajá foram o carro chefe. As comunidades de Jacunã e Gameleira no Município de Jaguarari e as comunidades Cazumba e Maria Preta no Município de Senhor do Bonfim foram as beneficiadas. Inicialmente ocorreram capacitações das famílias cadastradas, voltadas para o beneficiamento de frutas nativas, com participação de cerca de 23 mulheres do Cazumba e 29 mulheres da Gameleira, e voltadas ao artesanato com palha (chapeús), capacitando 17 mulheres de Jacunã.

A escolha por mulheres era devido estarem mais próximas da vulnerabilidade (mulheres solteiras ou casadas que os maridos estavam em São Paulo). Daí em diante o projeto cresceu, ocorrendo capacitação de agricultores e agricultoras da comunidade Lages, onde 13 pessoas foram capacitadas em Apicultura. Em 2004 é criada a APAC – Associação Parceira das Crianças para gerir os recursos e em 2007 encerra o financiamento.

Os produtos oriundos do projeto eram comercializados para a merenda escolar, vendidos nas feiras de economia solidária, nos eventos interestaduais, melhorando a economia local e qualidade de vida das pessoas envolvidas.

Vale ressaltar que a comunidade de Lages era sofrível e todas as tentativas de apoio para as outras comunidades, via o Centro de Apoio, era estendido para essa comunidade também, porém não tinha sucesso, pois as pessoas eram muito retraídas e resistentes (na comunidade existia alto índice de mortes por suicídios). E, com a chegada do Assentamento

Jiboia, o Centro de Apoio às Crianças da Comunidade esvaziou, como também faltou o apoio dos governos locais, dispersando e desanimando as pessoas envolvidas.

Em 2017, a partir da inquietação de algumas mulheres na busca de melhorias para suas famílias, inicia o grupo Mulheres do Campo, um recomeço. Com o apoio da APAC retorna as atividades no Centro de Apoio às Crianças da Comunidade, que patrocina a reforma de um espaço e compra de um novo fogão, mesa inox, formas e outros utensílios para que as mulheres trabalhem com a produção de bolos.

Em maio de 2022 o Centro voltou a funcionar com as crianças, trabalhando com o reforço escolar. A merenda ficou a cargo do grupo Mulheres do Campo, que era pago através da parceria com a APAC. Com recursos próprios as mulheres também produziam e vendiam bolos para a comunidade local.

As perspectivas para o futuro são boas e positivas, a Secretaria de Ação Social do Município de Senhor do Bonfim prometeu apoiar o Grupo de Mulheres, contribuindo com parte do alimento, gás, dentre outros produtos que estiverem ao alcance. Na época da pesquisa, o Estado ajudava com o pagamento da energia elétrica.

Diante das iniciativas e apoio, as participantes do grupo Mulheres do Campo comentaram do desejo em ampliar as atividades, pois elas se sentem muito valorizadas e empoderadas com a atividade.

Nesse contexto é importante registrar que ainda 80 crianças são apadrinhadas e que a discente que desenvolve essa pesquisa é da comunidade Cazumba e também foi uma criança apadrinhada, recebendo ajuda da Ai Bi, contribuição que ajudou a mudar sua história e estar aqui realizando sua pesquisa e buscando contribuir, atualmente, com sua comunidade e adjacências.

4.1.1 O grupo Mulheres do Campo

Tudo começou no ano de 2009 quando a senhora Mairanê da Silva Sena decidiu criar um grupo de jovens na comunidade Mamoeiro, cujo objetivo principal era evangelizar. No começo o grupo parecia dar certo, mas por evasão de muitos o grupo não foi para frente, como pretendia a fundadora do grupo. Apesar do insucesso a vontade de fazer a diferença naquele local ainda permanecia de pé.

Após anos de articulação e interação com a comunidade surge o grupo de Mulheres do Campo no ano de 2017, com a iniciativa da senhora Mairanê, que buscando alternativas para melhoria da comunidade, vai de casa em casa com sua prima convidar as mulheres para uma reunião a ser realizada no posto de saúde de Lages.

E assim, após muitos contatos, a primeira reunião aconteceu no posto de saúde de Lages (comunidade vizinha) no dia 08 de março de 2018, data que comemoraram o Dia Internacional das Mulheres. Neste dia teve entrega de lembranças e foi lançada a ideia de se criar um grupo para fazer bolos. Também, surgiu a ideia de fazer o contato com a Secretaria de Ação Social do município para buscar apoio. Durante a reunião houve aceitação das propostas por parte das mulheres ali reunidas, totalizando 20 mulheres.

Na segunda reunião, ocorrida em 23 de março 2018, todas mulheres apareceram. A ajuda da Secretaria de Ação Social não chegou, daí aconteceu o primeiro passo para arrecadar dinheiro para iniciar o grupo, fazer uma rifa.

Oito dias depois aconteceu a terceira reunião, com a tentativa de conseguir novas parcerias, que não deu certo. As mulheres, agora em número de 10, tiveram a ideia de fazer um empréstimo junto ao Banco do Nordeste no valor de R\$ 200,00 para aquisição de ingredientes, pois os recipientes para confecção dos bolos elas tinham. O empréstimo foi para ser pago com 5 meses. O grupo decidiu ter como produção principal salgados e bolos que seriam vendidos na própria comunidade.

O local escolhido para a fabricação dos produtos foi o Centro Comunitário do Mamoeiro (antigo Centro de Apoio às Crianças da Comunidade), construído pela instituição AiBi, que se encontrava abandonado, sem uso, surgindo assim a ideia de utilizar o espaço para a fabricação dos produtos. Além do espaço foram utilizados um fogão e uma geladeira pertencentes à organização, o botijão de gás foi adquirido através de uma rifa realizada pelas próprias mulheres.

No início desta pesquisa o número de integrantes do Grupo de Mulheres era 8 mulheres, sendo 1 mulher da comunidade de Mamoeiro, 3 da comunidade de Lages, 3 da comunidade do Assentamento e 1 da comunidade Cruzeiro (a líder do grupo). O nome do grupo foi definido como Mulheres do Campo, mas não se tem nenhum registro e nada documentado.

O grupo não tem vínculo com associação, houve apenas uma parceria com a entidade Cactus, prestadora de serviço de assistência técnica às comunidades rurais, e com isso houve um apoio em relação ao incentivo da continuação do grupo. Durante esta pesquisa 7 mulheres permanecem exercendo a produção, pois uma delas conseguiu emprego na sede do município.

As mulheres se reúnem uma vez por semana, nas quintas-feiras, quando o trabalho tem início pela manhã com a higienização do local e dos utensílios seguido da produção dos bolos e salgados. A produção é feita de acordo com os pedidos realizados pelos vizinhos e de outros moradores do percurso da casa das integrantes até o Centro.

A tarde acontece comercialização dos produtos na comunidade. Logo depois acontece o balanço do que foi vendido, é abatido o valor dos custos (as vezes acrescentam mais um pouco), que será usado para aquisição de novos produtos e o restante é dividido em partes iguais entre elas. Entre elas mesmas é combinado as que irão sair para vendas e as que irão ficar no local para a limpeza.

No mês de outubro de 2021, a APAC, Associação Parceira das Crianças, criada para prestação de contas e ajustes com a justiça brasileira junto a AiBi, que administra o prédio do Centro Comunitário, financiou a reforma do centro e da cozinha utilizada pelo Grupo de Mulheres. A APAC procura sempre apoiar o Grupo das Mulheres, atualmente adquire seus produtos para fornecer na merenda das crianças.

4.2 Resultados e discussão oriundos do questionário aplicado ao grupo Mulheres do Campo

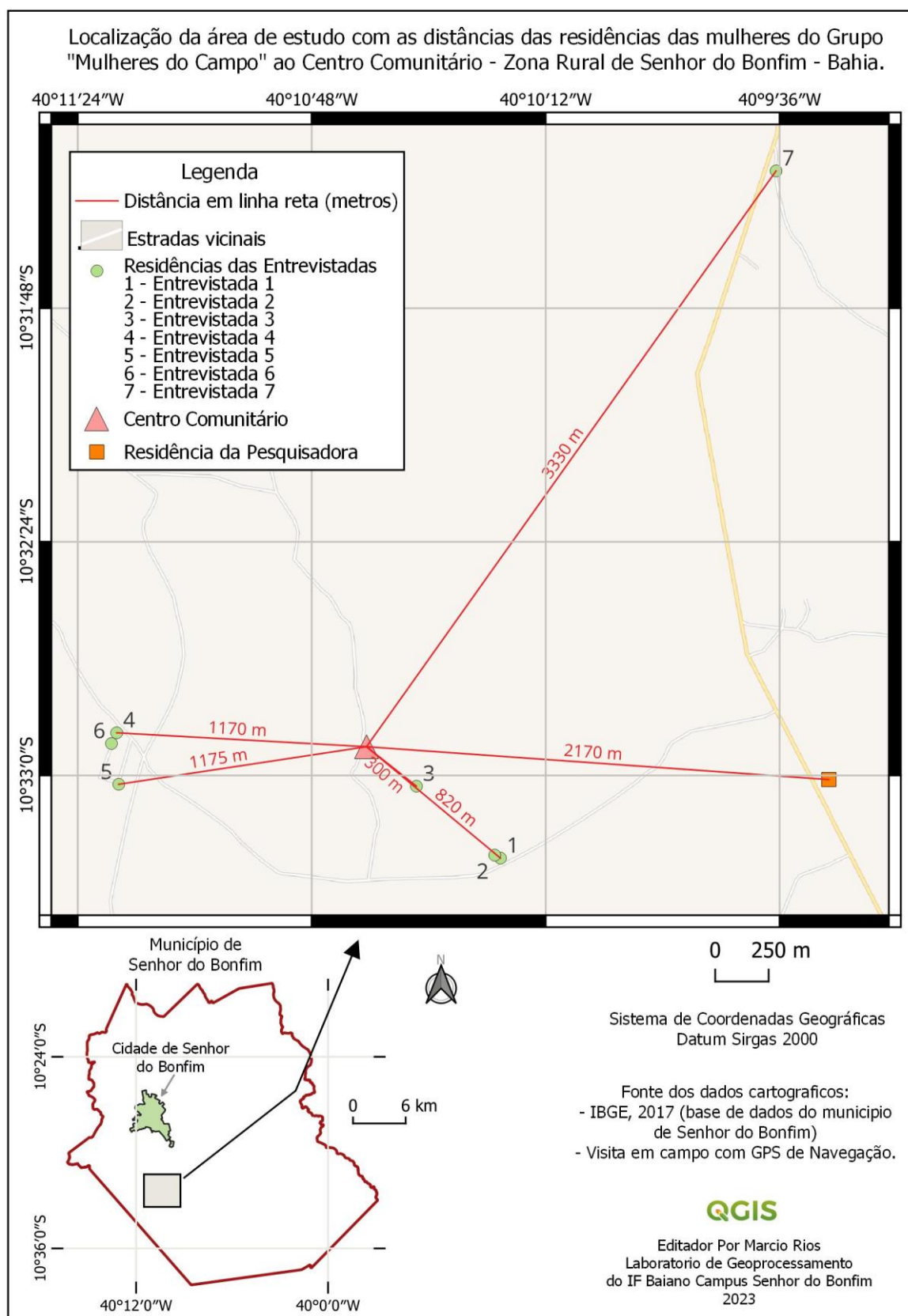
Na figura 02 aparece o Centro Comunitário no Município de Senhor do Bonfim, bem como revela a distância em linha reta das residências das entrevistadas e da pesquisadora. Considerando que as entrevistadas vão caminhando até ao Centro, local de fabricação dos produtos, e sempre levam e trazem material nas mãos, fica aqui registrado o esforço que cada mulher realiza para concretizar essa atividade. Mas, nas observações prévias levantadas, nenhuma demonstrou queixa desse esforço, ao contrário, nas quintas-feiras trabalham com prazer e alegria, sinais positivos de autoestima, resiliência e empoderamento.

Em relação as informações sócio-econômicas do Grupo Mulheres do Campo, nos gráficos a seguir estão apresentados os resultados encontrados. Quanto à idade, a maioria (57,1%) tem de 45 a 60 e 42,9% tem 24 a 44.

Trata-se de um grupo jovem quando comparado com outros pesquisados, onde muitos de seus membros já encontram-se aposentados (SCHNEIDER; PLAVIAK; MARIN, 2017).

Neste estudo 25% das entrevistadas já estão aposentadas ou em idade de se aposentar e 50% apresenta idade maior que 43 anos. Todavia, os membros que se encontram aposentados continuam nas atividades para complementação da renda. Para Pinto, Pontes e Silva (2013), são essas mulheres as principais responsáveis pela organização doméstica, além de desenvolverem atividades remuneradas, tornando-as mantenedoras financeiras do lar.

Figura 02 – Localização da área de estudo com as distâncias das residências das mulheres do Grupo “Mulheres do Campo” ao Centro Comunitário – Zona Rural de Sr. do Bonfim - BA



Fonte: RIOS, 2023.

As componentes do Grupo Mulheres do Campo apresentam baixa escolaridade, inclusive entre as mais jovens, apesar das facilidades com o acesso à escola nos dias atuais. Entretanto, atualmente, elas revelam a importância de se dedicar aos estudos. Os resultados mostram que 71,4% têm ensino fundamental incompleto e 28,6% não possuem escolaridade. A baixa escolaridade pode influenciar no empreendimento, principalmente no gerenciamento do negócio, tabulação de preços, determinação do lucro e divisão da renda obtida. A falta de parcerias e busca de novos mercados poderiam ser melhores se a escolaridade das integrantes fosse melhor. O grau de instrução interfere na renda, segundo Pinto, Pontes e Silva (2013), em função da baixa qualificação profissional das mulheres das classes populares e da desvalorização geral do trabalho feminino, a remuneração que elas podem obter é, de modo geral, pequena. Além disso, as atividades remuneradas, muitas vezes, são realizadas simultaneamente com as tarefas domésticas. Os autores constataram no seu trabalho que baixa escolaridade dificulta a participação das mulheres em cursos e capacitações que beneficiam elas mesmas.

Quanto ao estado civil a maior parte do grupo (57,1%) vive em união estável e 42,9% são casadas. Esse resultado diferencia de outros autores, como nas mulheres que trabalham com a meliponicultura, onde, dentre sete mulheres, apenas uma mulher não tinha registro no cartório e no religioso, equivalente a 14,3% (PINTO; PONTES; SILVA, 2013).

Avaliando a moradia e o tempo de permanência no local onde moram, foi observado que as mulheres residem em assentamento a partir de crédito rural (57,1%) ou moradia herdada pela família (42,9%). A maioria das mulheres (71,1%) nascem, constituem famílias e continuam na mesma comunidade, morando no terreno das famílias, seja ele herdado pelos pais ou herdado da família do parceiro.

O número de membros nas famílias da maioria das entrevistadas é abaixo de 5 pessoas (85,7%) e 14,3% acima de 5 pessoas. Nesta pesquisa constatou-se em algumas famílias a presença de filhos casados com os integrantes da própria família. Na pesquisa realizada por Pinto, Pontes e Silva. (2013) observou-se, também, que a maioria das famílias (71,4%) apresentam menos de 5 membros. Para a realidade local, com as dificuldades enfrentadas de saneamento básico, oportunidade de emprego, infra-estrutura agrícola, educação, lazer, acesso à cultura e aquisição de alimentação de melhor qualidade, o número de membros é elevado. Tal situação revela a necessidade de conscientização familiar e iniciativas governamentais voltadas às melhorias do Campo.

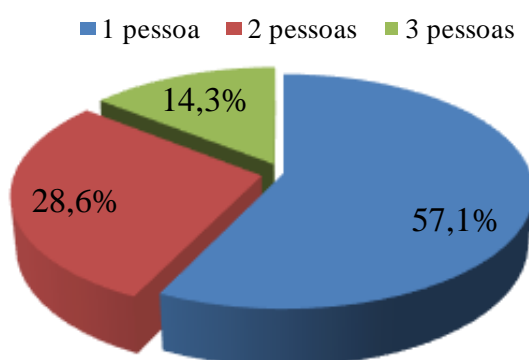
A maioria das famílias pesquisadas tem até 5 filhos, correspondendo 71,4%, enquanto que 28,6% possuem mais de 5 filhos. Neste estudo foi percebido que mulheres com idades

mais avançadas a quantidade de filhos é maior que as mulheres mais jovens. Em outro estudo, realizado por Alves *et al.*, (2018) 30,42% dos entrevistados possuem até 2 filhos, 18,25% possuem até 4 filhos, 2,3% possuem até 6 filhos, 3,4% possuem 7 ou mais filhos. Os mesmos autores ainda afirmam que é muito relevante que pesquisas dessa natureza quantifiquem a quantidade de filhos que moram em casa. Araújo *et al.*, (2016) em pesquisa realizada em Montes Claros – MG, constataram que as 8 mulheres entrevistadas só tinham até 3 filhos.

A pesquisa revelou que o número de pessoas da família com emprego fixo é baixo, apenas uma pessoa (14,3%), isso provavelmente é em função de ser característico das pessoas que moram em comunidades tradicionais, pois ainda sobrevivem da agricultura e pecuária como meio de renda, não buscando emprego fixo externo.

O número de membros das famílias que colaboram com a renda familiar varia de 1 a 3 (Gráfico 1). O número elevado de membros na família junto com os poucos que contribuem com a renda familiar revela a necessidade de buscar opções alternativas para complementar a renda, papel suprido, em parte, com as atividades desenvolvidas no grupo Mulheres do Campo. Para Schneider, Plaviak e Marim (2017), mesmo em cenários de fortes restrições, os agricultores tentam cultivar e preservar seus costumes e tem buscado estratégias de mercado para sobreviver.

Gráfico 1: N° de Membros que colaboram na renda familiar



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As políticas públicas são meios que ajudam as famílias das comunidades rurais a conseguirem manter a renda mensal para suprir as suas despesas. Dentro dessas políticas públicas temos os benefícios sociais como bolsa família (Lei nº 10.835/2004) e aposentadoria que são rendas garantidas que contribuem para suprir todas as necessidades básicas.

Os resultados desta pesquisa mostram que a maioria das mulheres (86,3%) possuem alguns desses benefícios. Por outro lado, se tivessem uma política de assistência técnica eficiente e voltada para o desenvolvimento local, o que inclui as atividades das mulheres do campo, poderiam ter um melhor aproveitamento produtivo e, conseqüentemente, melhores condições de vida. Por exemplo, no Paraná, um grupo de agricultores, onde 38% eram mulheres, a exploração diversificada de uma propriedade rural, tornou-se a principal fonte de sustento, principalmente quando não tem amparo governamental (SCHNEIDER; PLAVIAK; MIRIM, 2017).

Além dos benefícios concedidos pelo governo, as entrevistadas possuem outros meios de renda, apesar de não ser de uma fonte fixa, muitas vezes a renda provém de atividades agropecuárias, cultivo agrícola, pequenas criações e o extrativismo do licuri. A renda obtida pelo último item citado é maior no período de produção.

A renda familiar para a maioria do grupo (85,7%) é de até 1 salário mínimo, mesmo com mais de uma pessoa contribuindo com a renda familiar, assim, os benefícios são muito importantes na complementação da renda. Todavia, esses grupos deveriam ser acompanhados por apoio técnico no desenvolvimento de atividades que gerem renda, para que consigam obter melhores resultados. Isso é o que acontece em regiões mais desenvolvidas, como o Sul do país, onde técnicos especializados acompanham as atividades de pequenos agricultores (SCHNEIDER, PLAVIAK E MARIM, 2017).

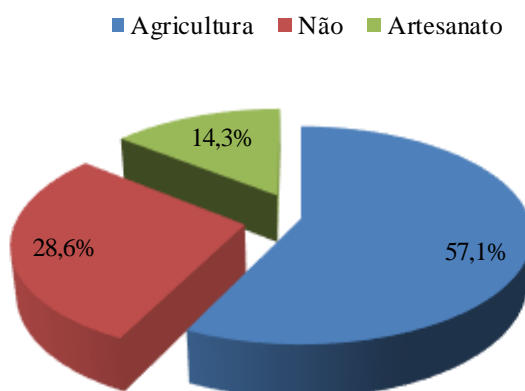
Os dados mostram que apenas uma mulher é a responsável pela renda principal da casa, situação ocorrida devido o parceiro está fazendo tratamento da visão e a única renda fixa era o benefício social que estava em seu nome. Nos demais domicílios o parceiro é o provedor maior e se responsabiliza com as despesas familiar. As mulheres realizam diversas atividades que contribuem com a redução de gastos e aumenta a renda da família, como trabalhos domésticos, trabalho na roça, trabalho com artesanato e o trabalho fruto do grupo Mulheres do Campo.

Das ocupações fora do grupo as atividades agropecuárias prevalecem. As mulheres trabalham muito nas roças que ficam perto das propriedades onde moram, participam diretamente na colheita e nas vendas dos produtos advindos da propriedade (Gráfico 2). Além disso, as mulheres participam de atividades sociais na comunidade, 57,1% participam de

associações de moradores, 57,1% participam dos movimentos de Igreja e 71,4% são filiadas ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Por também ser de comunidade rural e ser mulher, verifica-se a força feminina na busca por seus direitos, pois nas associações e sindicatos a participação da mulher é cada vez maior, passando a ter papel de protagonista, função que antes só pertencia aos homens. Schneider, Plaviak e Marim (2017) relatam que, quando questionados quem de fato trabalhava na produção, a maioria das respostas foi que todos na casa trabalhavam em conjunto, tanto os homens, quanto as mulheres, sem exceção. Pinto, Pontes e Silva (2013) afirmam que 5 das 7 mulheres entrevistadas são as responsáveis pelos gastos e gerenciamento da renda familiar.

Gráfico 2: Atividades fora do grupo



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Segundo Jesus (2014), em pesquisa realizada sobre Pronaf Mulher, constatou que as mulheres na lavoura e pecuária se destacam como coadjuvantes do trabalho masculino. Araújo *et al.*, (2016), em conversa com extensionista da Emater- MG, que acompanha mulheres que recebem o crédito Pronaf Mulher, afirma que as mulheres sabem aplicar melhor o crédito e os recursos, tendo menor inadimplência que os homens, o que é um ponto positivo, como responsável familiar e condução dos trabalhos.

Nos quintais das propriedades das entrevistadas nesta pesquisa, as mulheres cultivam fruteiras, hortas, ervas medicinais e mantêm criações de galinhas. Elas consomem partes desses produtos, doam para os vizinhos, trocam as sementes e vendem na feira livre. Todas do Grupo Mulheres do Campo fazem a catação do licuri nas grandes propriedades da vizinhança, produto que também é vendido para ajudar na complementação da renda. A catação do licuri é uma prática extrativista muito frequente na região, passada de geração em geração, que sempre auxiliou e auxilia de complemento na renda. Mesmo que a produção seja

pouca e ser fruto de muito esforço as mulheres mantêm essa prática, pois sabem que estão ajudando a família. Alves *et al.* (2018), afirma que os quintais produtivos ajudam demais essas famílias, gerando renda e melhorando a qualidade de vida. Nos quintais estudados por Schneider, Plaviak e Marim (2017) os produtos produzidos são similares aos desse grupo pesquisado, porém com objetivos diferentes.

No grupo Mulheres do Campo, os pedidos de bolos e salgados são anotados pelas integrantes durante o percurso da residência até chegar ao Centro Comunitário, quando se inicia a produção. Após a produção, parte das mulheres saem para fazer a entrega e receber o dinheiro das vendas. No retorno é computada a receita, a subtração das despesas, anotando o lucro da atividade daquele dia. O lucro é dividido em parte iguais entre elas.

De acordo com Alves *et al.* (2018), estudando o uso das Cadernetas Agroecológicas, os homens não gostam que as mulheres façam anotações, embora sejam muito importantes para o controle de ganhos e perdas. Porém, de acordo com Schneider, Plaviak e Marim (2017), a organização é algo determinante para a permanência da agricultura familiar, pois através dessa organização se criam mecanismos de produção e comercialização que beneficiam as pessoas do campo. Os autores relatam que a falta de regularidade dos produtos é fator importante. Para os grandes produtores a regularidade é uma prioridade, já os pequenos produtores sem uma organização regular, tendem a enfrentar dificuldades com comercialização dos seus produtos.

A renda obtida pelo grupo Mulheres do Campo com o trabalho de produção dos bolos e salgados é destinada para ajudar nas despesas da casa com alimentação (42,9), pagamento de contas (28,6%), como luz, água, e ajuda a terceiros (14,3%), demonstrando a situação de vulnerabilidade das mulheres, a renda ao invés de extra está sendo usada para pagamento de contas obrigatórias. Alves *et al.* (2018), trabalhando com produções de quintais agroecológicos, observaram que as mulheres precisam melhorar o aporte financeiro para o reinvestimento das atividades desenvolvidas e crescimento econômico, mesma situação ocorrendo com as mulheres do Grupo aqui estudado.

Para Soares *et al.* (2017), é importante que os produtos comercializados tenham qualidade e um meio de divulgação, como redes sociais, para melhorar a aceitação da comunidade. No grupo das Mulheres do Campo, observou-se que o cuidado com a higiene do ambiente e da produção são levados a sério, entretanto, na questão de divulgação, precisa melhorar bastante, pois só divulgam nas comunidades onde moram. Um trabalho nas redes sociais ou outras maneiras de divulgação que consiga atingir outras comunidades e, até

mesmo, a sede do município ajudaria a ampliar as demandas semanais e, conseqüentemente, o fortalecimento da atividade.

Pinto, Pontes e Silva (2013) afirmam que a procura de outras saídas para os momentos difíceis da vida cotidiana faz com que as mulheres sejam levadas a se deslocar do âmbito doméstico para o público, organizando-se e, inclusive, participando de ações coletivas. Percebeu-se que o grupo Mulheres do Campo precisa de capacitações que possam estimular a organização e divulgação de seus produtos. Iniciativas que estimulem a produção de novos produtos e que busquem a venda fora da comunidade devem ser incentivadas no Grupo.

Quando questionadas sobre a procedência dos ingredientes que entram na produção dos bolos e salgados, 71,42% disseram que ovos e leite são de procedência familiar, de suas casas ou aquisição na comunidade. Os demais itens (a exemplo de farinha, óleo) são adquiridos em supermercados, numa compra única. O licuri, apesar de ser colhido pelas mulheres e, ainda, elas terem participado de capacitações sobre os usos do licuri, não é usado como ingrediente dos produtos produzidos.

As atividades de produção são realizadas de forma coletiva, sendo as tarefas estabelecidas, uma fica responsável pelo bolo, outra prepara a massa dos salgados, outra prepara as bandejas e assim por diante. Depois da produção, parte das mulheres saem para fazer a entrega, as mais novas, ficam responsáveis pela entrega dos produtos e recebimento do pagamento, as demais se encarregam da limpeza da cozinha.

Ao serem perguntadas se existiu resistência por parte delas para participar do Grupo Mulheres do Campo, 85,71% responderam que não e apenas 14,3% responderam que sim, pois não teve interesse no início. Já, quando questionadas em relação as dificuldades enfrentadas no grupo, 85,71% afirmaram que não enfrentam dificuldades e 14,3% que enfrentam dificuldades no dia-a-dia da atividade, como no momento de vender, enfrentar o sol quente e a distância até chegar ao Centro Comunitário. Contudo, conforme os relatos das participantes a seguir, houve mudança na sua vida: “aprendemos muitas coisas”, “aprendemos a fazer bolo”, “muitas coisas ficaram melhor”, “fiz aquisições para o filho”, “melhorou a autoestima” e a “vontade de sempre está reunida com as outras mulheres”.

Especificamente, ao serem questionadas sobre a importância do grupo para sua vida, 85,7% responderam e 14,3% não responderam. As respostas foram variadas, mas sempre de forma positiva: “o grupo se tornou algo essencial na rotina, uma satisfação pessoal, aprendi usar a tecnologia” comentou uma delas; “gosto de fazer os bolos, diversão”, comentou outra; “proporciona uma renda a mais”, citou outra; “tem amizade e é divertido demais”, outra registrou; “ajuda a gente, o que recebe já serve na precisão”. A participação no grupo das

mulheres possibilitava discursões de outros pontos vinculados à comunidade, busca de melhorias na infraestrutura, circulação de ônibus para crianças, aquisição de materiais e assistência à saúde. Enfim, o grupo era importante na renda familiar, mas, também, possibilitava o desenvolvimento pessoal e da comunidade. Todos os comentários reforçam o lazer, aprendizagem e a renda conseguidos com o trabalho. Spanevello *et al.* (2019), destacaram no trabalho realizado em Arvorezinha - RS que as motivações das mulheres que realizam atividades não agrícolas foi a renda, sendo unanimidade nas respostas, destacando a importância em obter o seu próprio dinheiro como ação motivadora.

Durante o período de observação deste trabalho constatou-se que a produção é limitada aos pedidos realizados nas comunidades onde as mulheres do grupo vivem. Assim quando foram perguntadas em que aspecto o grupo pode melhorar para alcançar mais renda, 50% responderam que melhorando a organização do trabalho, 25% melhorando a comercialização e o marketing usando as redes sociais, 25% melhorando o conhecimento técnico sobre a produção e 25% melhorando a busca de mais freguesia, vendendo nos colégios.

Quanto a necessidade de capacitação (curso, palestra) as entrevistadas responderam unanimemente sim, indicativo que estão abertas para ampliar seu conhecimento e formação pessoal. Entretanto, nenhuma citou capacitação sobre temas ligados a organização do trabalho e comercialização, temas levantados como importantes para melhoria da renda. A maioria citou capacitação sobre tecnologia da fabricação de bolos (“novas receitas”, “bolos diferentes” e “coisas de bolo”) e salgados. Apenas uma integrante sinalizou que gostaria de capacitação sobre higienização. Sangalli, Schlindwein e Camilo (2014) realizaram uma pesquisa com assentados e destacaram a necessidade das políticas públicas via capacitações que sejam sustentáveis e viáveis economicamente, de acordo com a realidade local para o desenvolvimento dos produtores.

No município de Senhor do Bonfim tem muitas instituições que oferecem capacitações, inclusive relacionados às demandas levantadas pelas mulheres. O IFBaiano é uma instituição que poderá contribuir nessa linha, que tem condições de apoiar o grupo Mulheres do Campo, bastando apenas formalizar as demandas e parcerias. Também, a Prefeitura, SENAR, SICOOB e o SEBRAE são instituições que podem contribuir para atender os anseios das mulheres.

Na perspectiva de ampliação dos negócios foi perguntado sobre condições de ofertar novos produtos, diferentes dos produzidos atualmente, quais poderia ofertar e o que seria preciso para produzir? A maioria das entrevistadas, 85,7%, responderam que sim, o grupo tem condições de ofertar novos produtos, e apenas 14,3% responderam que o grupo não tem

condição. Bolacha de tapioca, bolos diferentes dos já produzidos, sonho, beiju, sequilhos e salgados com outros ingredientes e recheios como goiaba e azeitonas foram sugestões de novos produtos que o grupo tem condições de ofertar.

Na perspectiva de ampliação dos negócios seria importante aceitar novas mulheres ao grupo, aumentar o número de dias de trabalho, buscar capacitação e empréstimos para incrementar a atividade. Após a conclusão dessa etapa de estudo uma cópia desse trabalho será disponibilizada a líder do grupo, para que possa discutir com as demais integrantes e buscar alternativas para fortalecer o grupo Mulheres do Campo.

CONCLUSÃO

O grupo Mulheres do Campo exerce papel importante na vida familiar de cada mulher, complementando a renda familiar. No entanto, outros benefícios foram conquistados, uma vida social melhor, diversão, construção de laços de amizade, autorrealização, entre outros.

As mulheres, unanimemente, percebem a necessidade de capacitações, visando melhorar a produção e atendimento. Afirmaram que o grupo tem condições de ofertar novos produtos, o que se constitui numa oportunidade para ampliação e fortalecimento do negócio e consequente melhoria da renda familiar.

Conclui-se, também, que a participação das mulheres no grupo Mulheres do Campo tem ajudado a melhorar a autoestima das integrantes e a atividade tem contribuído para o empoderamento das mesmas.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, K. K. J; LIMA, P. V. P. S; ESMERALDO, G. G. S. L; SAMPAIO, J. L. F; AZEVEDO, H. S . **Fortaleza, Lojas, Ameaças e Associações Frequentes a Capacidade de Organização e Exibição na Comercialização**. 2020.
- ALVES, L. M; ALVARENGA, C; CARDOSO, E; CASTRO, N; SAORI, S; TELLES, L. Caderneta agroecológica e os quintais: Sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil. **Minas Gerais: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata**. 2018.
- AMORIM, R. F; SILVA, M. V. **O associativismo rural como alternativa de representatividade em Piracanjuba/Goiás**. Pirenópolis – Goiás – Brasil 20 a 22 de outubro de 2015.
- ARAÚJO, M. P. S. N; GLINFSKOITHÉ, A. P; THÉOPHILO, C. R; SANTOS, E. S. B. Pronaf Mulher e o empoderamento de trabalhadoras rurais. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 18, n. 1, p. 135-147, 2016.
- CARMO, M. S., COMITRE, V.; BORSATTO, R. S.; MOREIRA, R. M. & STAMATO, B. O diálogo necessário entre extensão rural e agroecologia. **Revista Retratos de Assentamentos**, v. 18, n. 1, 2015.
- JAHN, E; Envelhecimento do campo e o movimento de mulheres camponesas: desafios e perspectivas. **Revista Grifos**, v. 22, n. 34/35, p. 113-132, 2013.
- JESUS, R. L. M. **PRONAF Mulher: avanços e limites na superação das desigualdades de gênero**. 2014.
- LEONELLO; J. C; COSAC, C. M. D. **O associativismo como alternativa de desenvolvimento local e sustentabilidade social**. Seminário do Trabalho: Trabalho, Economia e Educação no século, v. 21, n. 6, 2008.
- LUSA, M. G; FREITAS, R. C. M; Mulheres camponesas e lutas sociais: Entre as expressões da questão social no campo e a produção da vida. In: **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 e 13th Women's Worlds Congress**. 2017.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, M. E. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo, 2002.
- MARONHAS, M; SCHOTTZ.; CARDOSO, E. **Agroecologia, trabalho de mulheres: Um olhar a partir da Economia Feminista**. 18º REDOR, p. 3751-3762, 2014.
- MOURA, R. G; LOPES, P. L; SILVEIRA, R. C. Gênero e família: a mulher brasileira chefe de família. Que mulher é esta? **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. 32, p. 55-66, dez. 2016.
- NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. **Mulheres camponesas. Trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

OLIVEIRA, B. L. S. S.; GARCIA, R. V.; LIMA, J. Contribuição da economia solidária nas experiências da associação do movimento de mulheres camponesas de Riacho de Santana-Bahia-Brasil. **Revista Grifos**, v. 30, n. 53, 2021.

PINTO, N. M. A.; PONTES, F. A. R.; SILVA, S. S. C. A rede de apoio social e o papel da mulher na geração de ocupação e renda no meio rural. **Temas em Psicologia**, v. 21, nº 2, p. 297-315. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20232026/2023/mpv/mpv1164.htm. Acesso em: 03 de junho de 2023

PONTES, D.; DAMASCENO, P. As políticas públicas para mulheres no Brasil: avanços, conquistas e desafios contemporâneos. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 11, 2017.

SANGALLI, A. R.; SCHLINDWEIN, M. M.; CAMILO, L. R. Produção e geração de renda na agricultura familiar: um diagnóstico do assentamento rural Lagoa Grande em Dourados, Mato Grosso do Sul. **Ciência e Natura**, v. 36, n. 2, p. 180-192, 2014.

SCHNEIDER, M.; PLAVIAK, G.; MARIN, M. Z. **Feiras do produtor rural: Diversidade e sua relação com a agricultura familiar de Guarapuava-PR**. IN: SINGA – Simpósio Internacional de Geografia Agrária. Curitiba-PR, 2017.

SENA, T. M.; SENA, T. M.; GOMES, S. F. L. Associação de produtores rurais, uma forma de organização e desenvolvimento local. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, 2017.

SPANEVERELLO, R. M., DOEGE, A. M. N., DREBES, L. M. & Lago, A. (2019). Mulheres rurais e atividades não agrícolas no âmbito da agricultura familiar. *Desenvolvimento em questão*, 17(48), 250-265.

SOARES, R. O.; MENEZES, B. G.; BASTOS, T. H.; UGALDE, M. L. **Um olhar sobre a feira da produção da reforma agrária da agricultura familiar (FEPRAF) de Júlio de Castilhos-RS**. In: Salão do Conhecimento – Injui – RS. 2017.

VELLOSO, T. R.; COSTA, S. S.; TELES, J. R.; SANTOS, M. C.; COSTA, A.; LIMA, R. S. D. Experiências das tecnologias sociais na agricultura da Bahia. *in*: Rios et. al. **Tecnologia em alimentos e inovação na educação do campo**. Cruz das Almas: UFRB, 2021.